

## AS PEQUENAS MEMÓRIAS DE JOSÉ SARAMAGO

Dalila Lopes

Instituto de Contabilidade e administração do Porto

Portugal

dalop@iscap.ipp.pt

dalop@clix.pt

Em 2006, o grande José Saramago publica *As Pequenas Memórias*<sup>1</sup>. ‘Pequenas’, a meu ver, num triplo sentido, já que ‘as memórias’ se reportam apenas à infância e adolescência – abrangendo portanto uma pequena parte da já longa vida do autor -, pequenas também pela própria dimensão física do livro – 149 páginas, o que não é comum em Saramago – e, por fim, pequenas em virtude de o narrador tentar colocar-se no lugar da criança/adolescente que foi –, daí a sentença da epígrafe *Deixa-te levar pela criança que foste*.

Saramago parece sentir-se muito mais à vontade quando ficciona do que quando relata: a ancoragem local e temporal que um livro de memórias exige tolhe a propensão para a alegoria em que Saramago é exímio. Mesmo assim, encontram-se nestas ‘memórias’ momentos de rara beleza, sobretudo os respeitantes às aprendizagens de vida na e através da envolvimento na natureza ribatejana em que Saramago passou parte da sua infância e juventude (vide, por exemplo, pp.126-131). Já para o leitor comum, e até mesmo para o leitor particularmente apreciador de Saramago, surgem como supérfluas, e eventualmente até um pouco enfadonhas, as referências pormenorizadas a lugares e tempos, principalmente nos períodos da sua estada em Lisboa (cf. p.118); de facto, Saramago não está no seu melhor em termos literários quando entra pelos terrenos da ancoragem local e temporal; mas, provavelmente, o próprio autor, no actual momento da sua vida, sentiu necessidade de fazer um forte exercício de memória e de o complementar com pesquisas feitas nos e sobre os lugares que habitou na sua infância e adolescência,

---

<sup>1</sup> Saramago, José (2006), *As Pequenas Memórias*, Lisboa: Caminho.

pesquisas essas a que faz referências esparsas ao longo destas ‘memórias’ (vide, por exemplo, p.123).

*As Pequenas Memórias* são, assim, um revisitar da infância e adolescência de Saramago, um revisitar num duplo sentido porque feito por duas vias: a da memória e a da pesquisa *in loco*, para corrigir ou suprir as falhas da memória, que, como todos sabemos, é involuntariamente selectiva e fragmentária.

Saramago nada oculta da humildade das suas origens, nem as retoca, como outros autores, com a pátina do tempo. A dureza das condições de vida da sua infância e adolescência está lá, nomeadamente nas referências à exiguidade dos espaços partilhados e consequente ausência total de privacidade (por exemplo, pp.56-57), a parca alimentação (por exemplo, p.23) e até mesmo as torturas e vexames a que foi submetido por colegas de escola (vide pp.121-123). Ao mesmo tempo, coexistem com estas notas realistas alguns momentos de humor um pouco ingénuo (por exemplo, pp.32-35), e aqui sim, encontramos o tal olhar de criança que Saramago, pelo menos a avaliar pela epígrafe, quis assumir.

Mesmo não sendo uma das obras maiores de Saramago, a minha sugestão é não perder.